

MANUEL BANDEIRA EM PORTUGAL, LANÇA EM ÁFRICA

Maria Aparecida RIBEIRO*

- **RESUMO:** Por iniciativa de Ribeiro Couto, a poesia de Manuel Bandeira chegou a Portugal, onde teve acolhida não só de Adolfo Casais Monteiro, que publicou elogiosa crítica sobre ela, mas de vários autores, que incorporaram ideias e formas de dizer do poeta brasileiro. A partir da divulgação pela revista *presença* e pelo fato de haver em Portugal muitos estudantes oriundos das então colônias africanas (mas não só por isso), a poesia de Bandeira encontrou ampla interlocução em Angola, São Tomé e Cabo Verde, além de ter também sido acolhida, embora de outra forma, em Moçambique. No caso cabo-verdiano, a interlocução, que recusa ou aceita a ideia de Pasárgada como lugar de refúgio, persiste até os dias de hoje.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Manuel Bandeira. Interlocução. Literatura cabo-verdiana. Literatura são-tomense. Literatura angolana.

Introdução

Foi Ribeiro Couto, poeta amigo de Manuel Bandeira, o responsável por sua divulgação em Portugal: foi Couto que, como já se teve ocasião de dizer, mandando para aquele país, e especificamente para Coimbra e para a revista *presença*, através de Pierre Hourcade, uma espécie de pombo-correio, livros de autores brasileiros, levou os portugueses a conhecerem a poesia do pernambucano. (cf. RIBEIRO, 2021, p. 225-250).

Em 1932, em função da divulgação feita por Ribeiro Couto, Adolfo Casais Monteiro publica, no número 34 da *presença*, o artigo “Notas sobre Novos Poetas do Brasil”, onde destaca a ânsia de libertação, de que vê exemplos em “Libertinagem” e “Evocação do Recife”, mostrando ainda entusiasmo por “O Último Poema”, cujo lirismo o encanta e o faz transcrevê-lo por inteiro. Esse texto acaba por ser, ao que parece, o primeiro comentário crítico sobre a poesia de Bandeira a ser divulgado em Portugal e a primeira transcrição de poemas seus, acabando por ser o início de um longo diálogo entre Bandeira e Casais.

* Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras - Centro de Literatura Portuguesa. Coimbra – Portugal. 3004-530 - aparecida@mail.telepac.pt

Manuel Bandeira em Cabo Verde

É verdade que, em 1931, o poeta brasileiro foi citado, embora *en passant*, no número de verão de *Descobrimentos*, o número 2, num artigo de José Osório de Oliveira, a respeito da morna caboverdiana: mencionado-o como “um admirável poeta brasileiro”, o articulista transcreve, por **motivação linguística — e não propriamente literária** —, o trecho de “Evocação do Recife” em que, ao lembrar os pregões, Bandeira afirma que o povo é que fala gostoso o Português do Brasil (OLIVEIRA, 1931, p. 213). Anos mais tarde, em 1951, José Osório de Oliveira afirma:

Orgulho-me de ter sido eu quem levou os jovens intelectuais caboverdianos do meu tempo a lerem [...], poetas como Manuel Bandeira, Jorge de Lima e Ribeiro Couto. Graças a essas leituras, os rapazes, hoje homens, da geração de *Claridade* [...] puderam descobrir o caminho para uma literatura cabo-verdiana. (OLIVEIRA, 1951, s. p.)

Ora, isso não é bem assim. A revista luso-brasileira *Atlântico*, de que José Osório de Oliveira foi secretário, publicou poemas de Bandeira em 1942, 43, 44 e 47, depois portanto dos textos saídos na *presença* e da crítica de Adolfo Casais Monteiro. É através da *presença*, como muito bem explica Manuel Ferreira (FERREIRA, Manuel (1986: XXVI), que a poesia de Manuel Bandeira chega a Cabo Verde, pois não só há várias contradições na autopromoção de pioneirismo feita por Osório, como a *Claridade* registra em suas páginas a recepção da *presença*. E acrescenta um depoimento de Félix Monteiro, datado de 1947, em que este assinala a dívida dos da revista caboverdiana para com a coimbrã, lembrando também que nessa última Jorge Barbosa e Jaime de Figueiredo publicaram.

Pasárgada como evasão

Os poetas da *Claridade* incorporaram ao seu universo poético, de formas diferentes, os motivos da evasão e do alumbramento do criador de “Vou-me embora para Pasárgada.” Em alguns casos, a remissão será textual e o resíduo evidente. Noutros, a elaboração poética apagou os contornos e permaneceu apenas a sugestão da imagem.

Jorge Barbosa talvez tenha sido aquele que mais se preocupou em explicitar o seu diálogo com Bandeira. Essa grande afinidade, advinda de uma empatia que vai da pessoa ao poeta (ou vice-versa), pode ser vista na “Carta para Manuel Bandeira”, mas também quando lemos “Poema”, “Simplicidade”, “Dia”, “Rua Morta”, “Terça-Feira de Carnaval”, “Madrigal”, “Banquete”, “Ocorrência em Birmingham”. É uma afinidade que leva os dois poetas a não condenarem a mulher, mesmo prostituta

(São de lembrar os versos de «Vou-me embora pra Pasárgada»: «Tem prostitutas bonitas para a gente *namorar*») e que traz à memória do cabo-verdiano, em plena «viagem» ao Carnaval do Rio de Janeiro, um grito de Bandeira, lançado muitos anos antes: «— Evoé, Momo!»¹

Outra recepção terá o texto bandeiriano em Osvaldo Alcântara. No seu universo poético, Bandeira, como a sua Irene preta, entra “sem pedir licença”. Em “Deslumbramento”, por exemplo, o diálogo com o poeta do Recife é visível, mas a sensualidade existente no “alumbramento” do brasileiro desaparece, mudando o sentido dos versos. Onde Bandeira eroticamente delira, Osvaldo observa e interroga, imprimindo ao poema outra lógica discursiva e um caráter transcendente. A relação estrela/iluminação/poesia pode ainda ser vista no “Poema para você” (embora nele também apareçam motivos comuns a Jorge de Lima) e em “Porão”, onde completamente despida do seu caráter mundano, a estrela da manhã surge como um dos motivos do poema (ALCÂNTARA, 1986, p. 79).

Mas parece ter sido Pasárgada a palavra-ideia mágica de Bandeira, que, transmigrada para o poeta cabo-verdiano, mais fértil se fez. Ela aparece em “Há um homem estranho na multidão”. E, Alcântara, sem mencionar uma única vez o reino de Pasárgada, irá construí-lo na “Rapsódia da Ponta da Praia”, estampada na página 8 da *Claridade* nº 5, em 1947, sem um rei e sem um espaço único, fora das ilhas ou nelas próprias, mas sempre transpondo, pela evasão, os limites que lhes são impostos.

Antes da «Rapsódia da Ponta da Praia», surgida na *Claridade* de 1947, Osvaldo Alcântara, já havia feito a sua primeira incursão ao reino, quando, em 1946, publicou na revista *Atlântico*, o seu «Itinerário de Pasárgada», que, depois, com o título de «Saudade de Pasárgada», vem a constituir, com outros quatro poemas («Passaporte para Pasárgada», «Balada dos companheiros para Pasárgada», «Dos humildes é o reino de Pasárgada», «Evangelho segundo o rei de Pasárgada»), uma seção (esta, sim, homônima do poema da *Atlântico*) de *Cântico da manhã futura* (1986). Diferentemente da Pasárgada de Bandeira, a de Osvaldo não aparece como lugar a conquistar, mas como espaço perdido — «Saudade fina de Pasárgada...» —, lembrado ao desamparinho (para usar uma expressão cabo-verdiana).

Na *Claridade* nº 5, também Arnaldo França publicou “A conquista da poesia”, na qual a inacessibilidade do momento poético se constrói a partir não de uma estrela-mulher, ou das Índias, como em Bandeira, mas da imagem do castelo com altos muros, “na montanha / da paisagem deserta submarina”, que substitui a Lapa e o Carnaval. A inocência dos “gritos de alegria dos meninos correndo” e “a mulher

¹ Jorge Barbosa escreveu a Jaime de Figueiredo um bilhete, acompanhado de um poema, em que se imaginava em pleno carnaval do Rio de Janeiro, e que terminava assim: «E o verso de Manuel Bandeira / ecoando cá dentro / deste folião que eu já fui: — Evoé, Momo!» (*Cabo Verde*, 58, 1/07/1954, p. 17). O mesmo verso pertence ao poema que abre o livro *Carnaval*, de Manuel Bandeira, publicado em 1924.

vestida de vermelho / lembrando-me todas as princesas encantadas” (FRANÇA, 1947, p.33) mostram, da mesma forma que em Bandeira, a pureza, mesmo na degradação. A própria poesia, apesar de nomeada como mulher com quem o poeta se quer deitar, tem, como via de acesso, não o corpo feminino, mas a voz da musa, que se confunde com a voz antiga de uma personagem da infância do poeta:

Os recortes de “Evocação do Recife”, misturados a “Vou-me embora pra Pasárgada”, mostram, nesse poema de Arnaldo França, a apreensão do espaço de infância como uma outra forma de evasão, fato que já existe em Bandeira. Há ainda que notar o tom coloquial e o cruzamento de destinatários presentes no poema. Mas essas formas de elocução podem advir também do tom geral do Modernismo brasileiro, ou até da *presença*, pelo qual os claridosos procuravam afinar-se.

Bandeira e os mitos por ele criados permaneceram na memória poética cabo-verdiana, e mesmo os poetas mais jovens foram tocados pelo desejo de Pasárgada, ou pela vontade de extirpá-la da memória literária das Ilhas.

Pasárgada e a recusa da evasão

Ovídio Martins, que também colaborou na segunda fase da *Claridade*, publicou, em 1962, os versos de “Anti-evasão”: “Pedirei / Suplicarei / Chorarei / Não vou para Pasárgada // Atirar-me-ei no chão / E prenderei nas mãos convulsas / Ervas e pedras de sangue / Não vou para Pasárgada // Gritarei / Berrarei / Matarei / Não vou para Pasárgada”²

Atribuindo a Pasárgada um caráter coletivo e ideológico, uma vez que o poema é escrito num contexto em que os claridosos são acusados de evasionistas, Ovídio não deixa de lê-la como um espaço de prazer, ao qual ele contrapõe o de dor. Tal aceção revela assim o confronto de duas concepções de poesia, e mostra a vitalidade dos versos de Bandeira em Cabo Verde, ainda nos anos 60. Aliás, o «Itinerário de Pasárgada» de que falamos há pouco, escrito por Osvaldo Alcântara, pode ser uma resposta a Ovídio Martins, que o criticou, chamando-o evasionista, rótulo que, até mesmo grafado como pasargadismo (SILVEIRA, 1954: 27), acabou por estender-se aos da *Claridade*.³

² Nota: Estes versos tornam-se, mais tarde, título de uma publicação do autor: *Gritarei, berrarei, morrerei — não vou para Pasárgada*, Roterdão, Ed. Caboverdianidade [1973]

³ Um outro exemplo da vitalidade da poesia de Bandeira em Cabo Verde nos anos 60, é Yolanda Morazzo, que integrou o grupo do *Suplemento Cultural*, e em “O que há em mim é a vida”, poema datado de 1962, retoma os versos de “Desencanto”, e contrapõe à disforia do texto do recifense, a sua própria euforia, o encanto de ser a “mãe que dá à luz” à poesia (MORAZZO, 2006:128).

A recusa de Pasárgada e a Estrela da Manhã: aurora de um novo tempo

Durante os anos 70, os versos de Manuel Bandeira continuarão na memória dos poetas. Se Corsino Fortes, em 1974, ao publicar *Pão & fonema*, deixa ecoar em «Pesadelo em terra alheia ou pesadelo em trânsito», o ritmo do «café com pão» do «Trem de ferro» de Bandeira, ao editar, em 1986, *Árvore & tambor*, retoma a figura da estrela da manhã, agora como revolução, como alvorada de um novo tempo, em «De boca concêntrica na roda do sol». O mesmo sentido de revolução, de anti-evasão volta a informar a imagem da estrela-da-manhã, nos poemas «P.A.I.G.C.», «Bom dia, Antônio Nunes!» e «Mulher», sendo que, neste, mantendo o caráter erótico da desejada estrela bandeiriana («E a areia do teu corpo / viaja / pela boca marítima do meu regresso») (FORTES, 1986: 104), chama-se a atenção para a mulher que não partiu e, com seu trabalho, se manteve na ilha e manteve a ilha, tornando possível a revolução e a independência de Cabo Verde.

No mesmo ano de 1986 em que se comemoravam os 50 anos da *Claridade* e em que Corsino Fortes publicava o seu *Árvore & tambor*, Gabriel Mariano, em *Ladeira grande*, mostrava, também ele, a popularidade da poesia de Bandeira entre os de Cabo Verde. Dessa vez são os versos das numerosas louvações bandeirianas, dedicadas a cidades como o Rio de Janeiro ou a personalidades, como Rachel de Queiroz, que informam a «Louvação da Claridade», de Mariano (cf. MARIANO, 1986: 131). Ele utiliza-os no poema com que homenageia os claridosos, mas substitui o «Louvo o Padre, louvo o Filho», que o poeta brasileiro utiliza, por «Eu louvo e canto a Claridade», valendo-se também da repetição. Já ao lembrar Pedro Corsino de Azevedo, no mesmo poema, os versos de Mariano vêm infiltrados por fragmentos de um outro texto de Manuel Bandeira — «Pneumotórax». Num conto desse autor — «Família», a estrela da manhã é também retomada, mas apenas como nome de um *four-master*: «Clau Ledo tinha sido trancador de baleia no four-master “Estrela da Manhã”, porém rapaz ainda tenor pegou uma asma muito ruim e resolveu fixar-se como comerciante» (MARIANO, 2001: 131).

Um outro caso de diálogo entre Bandeira e a poesia cabo-verdiana pode ser visto em Arménio Vieira, no poema «Bicho-gente», publicado pela primeira vez na antologia *No reino de Caliban* (VIEIRA, 1975: v.I, 222-223). Se a animalização do homem em decorrência da fome habita os versos do poeta brasileiro em «O bicho», o mesmo ocorre nos versos daquele que foi um dos criadores de *Sêlô — página dos novíssimos*, surgida em 1962. Mas Arménio não para aí: a interlocução com Bandeira surge noutro poema, publicado nesse mesmo ano em *Mákua*, sob o nome de Arménio Vieira e Silva: «Evocação da minha infância»

Permanência da poesia bandeiriana na literatura cabo-verdiana

No fim do século XX e nesse início do XXI, ainda é possível mostrar a presença de Manuel Bandeira na produção poética cabo-verdiana.

Mário Lima retoma «Os Sinos» e, curiosamente, com mesma a harmonia imitativa usada no poema homônimo de Antônio Nobre que motivou o de Bandeira, lembra os sinos que Djonga repicava na paróquia de Santa Isabel, na sua Ilha da Boa Vista (LIMA, 2005: 67).

Numa antologia dos novíssimos, organizada por Hopffer Almada, é possível encontrar em Filinto Elísio, poeta que estreou em *Voz di letra*, em 1986, no poema com o significativo título «A poesia do reverso», uma menção à Pasárgada, como evasíonismo existente num tempo superado: «lusoáfricas berço terço / o terceto da nova poesia // onde passava a Pasárgada / passa agora o pássaro da paz» (ELÍSIO, 1991: 218).

José Antônio Lopes, no poema «Da Pasárgada a U.R. Kassdins», que dedica «a todos os beatos», coloca Pasárgada entre os espaços míticos que devem ruir no momento apocalíptico que, como vidente, descreve (LOPES, 1993: 17).

Osvaldo Osório mostra a Estrela da Manhã, em «Balanço de uma paixão que interroga», como uma promessa adiada (OSÓRIO, 2007: 71-73). Já Vera Duarte, em «Os meninos», de *O arquipélago da paixão* (2011), toma uma atitude semelhante à de Jorge Barbosa (a quem, aliás, a autora dedica o texto) com relação a Bandeira: mostrando simpatia humana semelhante à do claridoso pelo «olhar vagamente triste» do poeta pernambucano, ex-interno num sanatório em Clavadel, ela também diz querer passar às crianças de «ranho no nariz, pés descalços e calções rotos», de «corpos esqueléticos» em função da «fome crônica», para quem o amanhecer já é de «desesperanças», a estrela da manhã (agora não mais uma mulher como nos poemas de Jorge e de Bandeira, mas a aurora de uma nova vida) (DUARTE, 2011: 81).

Valentinus Velhinho também retoma a imagem da estrela da manhã, utilizando-a com o sentido bíblico que costuma emprestar a seus versos. Em *O túmulo da Fênix* (repare-se já no título a idéia de ressurreição), diz, em «Única e intacta»: «A Estrela da manhã/ a única que não há de cair,/ a única que de pé e intacta / Manter-se-á ao alto — que bela / Presa daria para um relâmpago súbito?» (VELHINHO, 2002: 73). Já no poema «Quem mais sou?», do mesmo livro, escreve: «O sol da meia-noite não deve nada/ À Estrela da manhã / nem a um anjo iluminado à tardinha» (VELHINHO, 2002: 73). Em «Sangrenta a lua», de *Tenho o infinito trancado em casa*, diz: «Sangra a lua para por fim dar lugar / Àquela que — para sempre / À mercê dos misteriosos Infinitos / Sem história nenhuma — / De modo nenhum pode sangrar: // A Estrela da Manhã» (VELHINHO, 2008: 186). Em «Os Astros da Terra», volta a recorrer à imagem: «Com a Estrela da Manhã / calar-se-ão os grilos, / estes secretos astros da terra» (VELHINHO, 2011: 115).

Morazzo retoma a necessidade da evasão, não apenas de Cabo Verde, mas do mundo, em «Fuga ao Diabo», poema de julho de 2004, onde elenca os nomes de vários inconformados com o mundo em que viveram. Se Pasárgada é o lugar para onde emigra Bandeira, para fazer o que a tuberculose não lhe permitiu, Yolanda, sem dizer para onde vai, procura sair do planeta, «antes da privatização do espaço», para recuperar a «sanidade mental». Aludindo às guerras do petróleo e à interferência dos Estados Unidos, ela foge da «sonda de “bush”» e substitui por Sherazade a sereia, que em Pasárgada contaria ao poeta as histórias narradas por Rosa ao Bandeira-menino, (cf. MORAZZO, 2006: 350-351).

E ainda poderíamos falar de Mário Lima, António de Névada, Hopffer Almada e Dany Spínola. Este último, por exemplo, diz assim: “Como água e como sol que somos,/ De nós mesmos nos alimentamos e procriamos / inventando cascatas de água em inóspitos desertos / construindo pontes, jangadas, céus e paisagens mil». A poesia é, nesse meio, um momento de suprarrealidade, que eclode «do longínquo aceno dos delfins, / Das suas acrobacias e das suas estranhas e místicas melodias / em eterno e terno convite à paixão lunar do meio-dia em Pasárgadas de sol» (SPÍNOLA, 2011: 28).

Presença de Bandeira nas literaturas de Angola e de São Tomé

Em 1951, Mário António escrevia «Rua da Maianga» (que depois incluiu em *100 Poemas*). Aí, são vários os ecos de «Evocação do Recife», a começar pelo confronto do nome antigo com o nome moderno e de homenagem a alguém, do qual os velhos frequentadores não gostam. Outro deles, a memória do que, em tempos antigos, acontecia na rua. Mais tarde, na *Crônica da cidade estranha* (1964), o escritor menciona e glosa versos de Bandeira de «Estrela da Manhã». Refletindo os novos usos de Luanda, que dela fazem agora uma cidade estranha, a estrela da manhã aparece personificada em Vina, de hábitos muito promíscuos, mas que Beto deseja ainda que «degradada até a última baixeza» (Cf. ANTÓNIO, 1977: 75).

Na *Antologia de poesias angolanas* (1958), o nome de Bandeira, vem associado ao de Ribeiro Couto. Maurício de Almeida Gomes, em «Exortação!», poema datado de 1957, conclama todos a criar uma nova poesia angolana, e, como Bandeira, que, em «Evocação do Recife», recusa a sintaxe lusíada⁴, ele deseja abolir «suaves endeixas [sic], brandas queixas» (GOMES, 1957: 271)⁵. E no mesmo ano, saía, com prefácio escrito pelo poeta brasileiro, certamente por mediação de

⁴ Citando Bandeira, Maurício de Almeida Gomes modifica suas palavras (que apenas diziam respeito à língua e não às formas literárias usadas) e as atribui também a Ribeiro Couto: “«É preciso criar a poesia brasileira / de versos quentes, / fortes como o Brasil, / sem macaquear a literatura lusíada» (GOMES, 1976: 85)

⁵ Segundo Carlos Ervedosa (1953: 8) o poema já havia sido publicado, em 1948, num jornal.

Ribeiro Couto ou de Adolfo Casais Monteiro, o livro de Geraldo Bessa Vítor, que recebeu o Prêmio Camilo Pessanha em 1957: *Cubata abandonada*⁶. A poesia do angolano tem com a de Bandeira a afinidade da memória da infância, de onde Bessa Vítor também recorta personagens (Sô João, Velho Chico, Bombinga...). Apesar disso, aquilo que chama a atenção do recifense, além do vocábulo cacimba (Ah! O gosto de Bandeira pelas palavras!), é o fato de a poesia de Bessa Vítor saber «“violentamente a África”, sem ficar apenas nas exterioridades da terra e sua gente» (BANDEIRA, 1958a: 8).

Agostinho Neto, Antônio Jacinto e Antônio Cardoso, em livros datados de 1961, glosam o «Trem-de-ferro», cada um a seu modo, retomando o barulho do trem do poema bandeiriano.

E se os poetas de Angola ainda colônia portuguesa frequentavam a poesia de Manuel Bandeira, mesmo depois da Independência isso aconteceu. Ernesto Lara Filho escrevia: «Sou uma espécie de brasileiro. Um angolano, nascido em Benguela, filho de pais minhotos. Um português de Angola, que conhece melhor Erico Veríssimo [...] do que Eça de Queiroz [...]. // Sou um angolano capaz de sentir o Brasil, capaz de recitar de cor um poema de Manuel Bandeira [...]». (LARA FILHO, 1990: 61). É um trecho de Bandeira, do poema «Epígrafe», abertura do livro *A Cinza das Horas*, que ele cita, de memória ou não, na sua crônica «Roda Gigante», publicada em Paris, em 15 de abril de 1960 (Cf. SOUSA, 2010: 86). Aliás, Ernesto Lara tem em comum com o poeta pernambucano, não só nessa crônica, mas em vários de seus textos, o gosto pela memória da infância, particularmente visível no poema «Infância Perdida», de *Picada de Marimbondo* (Cf. LARA FILHO, 1961: 23).

Se, em Angola, Bandeira serviu de inspiração à criação de uma poesia nacional e seu «trem-de-ferro» lembrou outros trens, instrumentos da opressão, em São Tomé, parece ter tido acolhimento em apenas um poeta: Francisco José Tenreiro. Retomando o verso em que Bandeira, na «Evocação do Recife», repudia a imitação da sintaxe portuguesa, o são-tomense, que clama pela união de todos os negros, comenta, utilizando o verbo derivado do substantivo usado para desclassificar o negro e inverte os papéis: «Nos terrenos do fumo os negros estão cantando./ Nos arranha-céus de New-York os brancos macaqueando!!! Nos terrenos da Virgínia/ os negros estão dançando./ No *show-boat* do Mississípi os brancos macaqueando!» (TENREIRO, 1982: 78).

⁶ Carlos Ervedosa (1953: 28) assim comenta: «*Cubata abandonada*, de nível medíocre, mas que a Agência Geral do Ultramar escolhe para a atribuição do prêmio Camilo Pessanha. Será curioso assinalar ainda, que Manuel Bandeira, o grande poeta do país irmão, aceitou prefaciá-lo nos termos mais elogiosos, mas, como afirmou M. António, Manuel Bandeira pode dar-se a todas as fantasias que nada empana o brilho da sua obra poética, monumental e intocável. Até a de prefaciá-lo um livro que não tem, sob qualquer aspecto, um mínimo de valor.»

Mas como teria chegado a poesia de Bandeira a Angola e a São Tomé? Também através da *presença*? Nada nos confirma essa hipótese.

Manuel Bandeira em Moçambique

Se Guimarães Rosa encontrou eco em Moçambique via Luandino Vieira, como se pode ver numa entrevista dada por Mia Couto, e Jorge Amado recebeu uma homenagem em forma de poema escrito por Noémia de Souza, o mesmo não se pode dizer de Manuel Bandeira. É verdade que «Fábula» de José Craveirinha parece dialogar com o «Balõesinhos» do poeta brasileiro. Se Bandeira, no seu gosto pela pintura e pelo humilde cotidiano, chama a atenção apenas para a pobreza — evidenciada pelos termos «arrabaldezinho», «meninhos pobres», «burguesinhas pobres», «criadas das burguesinhas ricas», «mulheres do povo», «lavadeiras da redondeza», que culmina em «círculo inamovível de desejo e espanto» (BANDEIRA, 1958b: 167-168) — Craveirinha ironiza, a partir do título, o contraste entre pobres e ricos, já que, se numa fábula as personagens costumam ser animais e há uma verdade moral que se oculta sob o véu da ficção, no poema moçambicano é mostrada uma realidade: o «menino gordo» (certamente porque tem o que comer) compra um balão (porque pode) e, de tanto, soprá-lo, arrebenta-o; os «meninos magros» (pobres, certamente mal-alimentados, e que não podem comprar o brinquedo), fazem «balõesinhos» (repare-se o diminutivo) dos «restos» do balão arrebentado (CRAVEIRINHA, 2002: 107). Mas como terá chegado a poesia de Bandeira a Moçambique? Também através da *presença*? Não é de se descartar de todo a hipótese. Mas uma outra se nos afigura.

Considerações finais

Em janeiro de 1952, o nº 13 da *Mensagem*, boletim órgão oficial da Casa dos Estudantes do Império, noticiava que, no serão cultural daquela entidade, realizado a 14 de janeiro, foi lida parte do ensaio “Significado e alcance da poesia moderna”, de Casais Monteiro sobre Manuel Bandeira. Esse ensaio era certamente o estudo saído na *Revista de Portugal* já aqui mencionado.

Ora a Casa dos Estudantes do Império (CEI) era uma instituição estatal que funcionava de maneira semelhante a uma república estudantil, mantida para albergar os vários estudantes das colónias portuguesas que iam estudar na metrópole. Para além da ação política, ela foi também um terreno muito fértil para a literatura das então colónias portuguesas, tendo abrigado o moçambicano José Craveirinha, os angolanos Antero Abreu, Alexandre Dáskalos, Alda Lara, Carlos Ervedosa, Fernando Mourão, Fernando Costa Andrade, entre outros. Francisco José Tenreiro teve um papel central nas atividades da Casa dos Estudantes do Império. Assim, penso poder-se dizer que talvez tenha sido através da revista *presença* e da presença

dos africanos em Lisboa, que Manuel, bandeira da renovação literária em Portugal, meteu uma lança em África.

RIBEIRO, Maria Aparecida. Manuel Bandeira in Portugal launches in Africa. **Itinerários**, Araraquara, n. 57, p. 201-212, jul./dez. 2023.

■ **ABSTRACT:** *On Ribeiro Couto's initiative, Manuel Bandeira's poetry arrived in Portugal, where it was welcomed not only by Adolfo Casais Monteiro, who published a laudatory review about it, but also by several authors, who incorporated the Brazilian poet's ideas and ways of saying. From the divulgation by Presença magazine on and the fact that there were many students in Portugal from the then African colonies (but not only for that reason), Bandeira's poetry found wide interlocution in Angola, São Tomé and Cape Verde, in addition to being welcomed, although in another form, in Mozambique. In the Cape Verdean case, the dialogue, which refuses or accepts the idea of Pasárgada as a place of refuge, continues to this day.*

■ **KEYWORDS:** *Manuel Bandeira. Interlocution. Cape Verdean Literature. São Tomé Literature. Angolan literature.*

Referências

ALCÂNTARA, Osvaldo. "Itinerário de Pasárgada". **Atlântico**. Revista Luso-brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro, n° 3 (nova série), p. 81-86, fev. 1947.

_____. "Rapsódia da Ponta da Praia", **Claridade**, São Vicente, n 5, set. 1947, p.8.

ALCÂNTARA, Osvaldo. **Cântico da Manhã Futura**. Praia: Banco de Cabo Verde, 1986.

ANTÓNIO, Mário. **Crónica da Cidade Estranha**. Queluz: Literal, 1977.

BANDEIRA, Manuel. Prefácio. In: Vítor, Geraldo Bessa. **Cubata Abandonada**. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958a: 8

BANDEIRA, Manuel. **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958b: 167-168

CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO. "Outro serão cultural". **Mensagem**: boletim órgão oficial da Casa dos Estudantes do Império, Lisboa, n. 13, janeiro de 1952.

COUTO, Mia. "Mia couto fala da influência de Guimarães Rosa, na sua prosa poética". <https://www.portalraizes.com/mia-couto-guimaraes-rosa/> Acedido a 9 de maio de 2023.

CRAVEIRINHA, José. **Obra Poética**. Maputo: Direção da Cultura dos Escritores Africanos, 2002.

- DUARTE, Vera. **O Arquipélago da Paixão**. Praia: Antiletra, 2011.
- ELÍSIO, Filinto. “A poesia do reverso” (Poesia II). *In*: ALMADA; José Luís Hopffer Cordeiro. **Mirabilis de veias ao sol**. Praia: Instituto de Promoção Cultural, 1991.
- ERVEDOSA, Carlos. **A Literatura Angolana** (resenha histórica). Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1963.
- FERREIRA, Manuel. “Prefácio”. ‘O Fulgor e a esperança de uma nova idade’ *In*: **Claridade**. Revista de Arte e Letras. Linda-a-Velha: A.L.A.C., 1986, p. XIX-XXIX.
- FRANÇA, Arnaldo. “A conquista da poesia”. **Claridade**, São Vicente, n 5, p.33, setembro, 1947.
- FORTES, Corsino. **Árvore & Tambor**. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1986.
- GOMES, Maurício de Almeida. “Exortação”. *In*: NOBRE, Maria da Conceição. **Antologia de Poesias Angolanas**. Nova Lisboa: Câmara Municipal de Nova Lisboa, 1957, p.271-277.
- LARA FILHO, Ernesto. **Picada de Marimondo**. Nova Lisboa: Edições Bailundo, 1961.
- _____. **Crônicas da Roda-gigante**. Porto: Afrontamento, 1990.
- LIMA, Mário. **Minhas Aguarelas no Espaço e no Tempo**. Praia: edição do autor, 2005.
- LOPES, José António. **As Últimas Páginas do Apocalipse**. s.l.: Edição do Autor, 1993.
- MARIANO, Gabriel. **Louvação da Claridade**. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro, 1986.
- MARIANO, Gabriel. **Vida e Morte de João Cabafume**. Lisboa: Vega, 2001.
- MARTINS, Ovídio **Gritarei, berrarei, morrerei — não vou para Pasárgada**, Roterdão, Ed. Caboverdianidade, 1973.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. “Notas sobre novos poetas do Brasil”. **Presença**. Folha de arte e crítica. Coimbra, n. 34, ano V, v. 2, p. 14-15, nov.-fev, 1932.
- MORAZZO, Yolanda. **Poesia completa: 1954-2004**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 2006
- _____. “Uma poesia ignorada”. **Descobrimento**. Revista de Cultura. Lisboa, n 2 (número de verão), p. 211-213, 1931.
- OLIVEIRA, José Osório de. A literatura cabo-verdiana é uma realidade, **Cabo Verde**, Boletim de Propaganda e Informação, ano III, n 27, 1951
- OSÓRIO, Oswaldo. **A sexagésima sétima curvatura**. Praia: Dada, 2007.

RIBEIRO, Maria Aparecida. Rui Ribeiro Couto e sua irradiação generosa. *In: Interloquções Poéticas Brasil/Portugal*. FIUZA, Solange; RIBEIRO, Maria Aparecida; CAMILO, Wagner. Campinas: Mercado das Letras, 2021, p. 225-250.

SOUSA, Carlos Teixeira de. **Crônicas de Ernesto Lara Filho**. Versão integral de *Roda-Gigante*. Lisboa: CLEPUL, 2010.

SPÍNOLA, Danny. Pasárgadas de Sol. *In: RISO, Ricardo (org.). Cabo Verde: antologia de poesia contemporânea*. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com/documentos/ANTOLOGIA-CABO-VERDE.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2012 .

TENREIRO, Francisco José. Negro de todo o mundo, **Coração em África**. Linda-a-Velha: ALAC, 1982, p. 76-81.

VELHINHO, Valentinous. **O túmulo da Fénix**. Praia: Edições Artiletra, 2002.

_____. **Tenho o infinito trancado em casa**. Praia: Artiletra, 2008.

_____. **Noites ao cair da noite**. Praia: Edições Artiletra, 2011.

VIEIRA, Arménio. Bicho-Gente. *In: FERREIRA, Manuel. No Reino de Caliban*. Antologia Panorâmica da Poesia Africana de Expressão Portuguesa. Lisboa: Seara Nova, 1976, v.1, p.222-223.

_____. Derivações. *In: FONTES, Francisco (org.). Destino de bai: antologia de poesia inédita cabo-verdiana*. Coimbra: Saúde em Português, 2008, p. 323-324.

VÍTOR, Geraldo Bessa. **Cubata Abandonada**. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958 (Pref. de Manuel Bandeira).

